

Arquitetura e Urbanismo: Competência e Sintonia com os Novos Paradigmas do Mercado

Bianca Camargo Martins
(Organizadora)



Bianca Camargo Martins
(Organizadora)

Arquitetura e Urbanismo: Competência
e Sintonia com os Novos Paradigmas do
Mercado

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
A772	Arquitetura e urbanismo [recurso eletrônico] : competência e sintonia com os novos paradigmas do mercado / Organizadora Bianca Camargo Martins. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-485-6 DOI 10.22533/at.ed.856191807 1. Arquitetura. 2. Planejamento urbano. 3. Urbanismo. I. Martins, Bianca Camargo. CDD 720
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

É com muita alegria que, a convite da Editora Atena, apresento a primeira edição do livro “Arquitetura e Urbanismo: Competência e Sintonia com os Novos Paradigmas do Mercado”. Esta edição, composta por 23 capítulos, apresenta experiências das mais diversas áreas da arquitetura e do urbanismo, como: arquitetura, planejamento urbano, tecnologia e preservação do patrimônio cultural.

Um dos temas amplamente discutidos aqui é a preservação da paisagem como patrimônio cultural. Desde 1992, quando a Unesco incluiu a paisagem cultural como bem passível de preservação, inúmeros estudos e pesquisas mostram a importância da discussão do tema no território nacional. Porém, a valorização e o fomento à proteção da paisagem como bem cultural ainda é um grande desafio a ser enfrentado pelas políticas públicas nacionais.

Assim, o foco do presente livro é mostrar a importância e a amplitude da discussão sobre o papel social da arquitetura e do urbanismo contemporâneo. Os textos aqui contidos são um convite à reflexão e reúnem autores das mais diversas instituições de ensino superior do Brasil, sejam elas públicas ou privadas, que socializam o acesso a estas importantes pesquisas e reflexões.

Acredito que os trabalhos aqui apresentados são de grande relevância para o meio acadêmico. Boa leitura!

Bianca Camargo Martins

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
LIÇÕES DA ESCOLA DE SOCIOLOGIA DE CHICAGO PARA A PESQUISA URBANA CONTEMPORÂNEA NO BRASIL	
Linda Maria de Pontes Gondim	
DOI 10.22533/at.ed.8561918071	
CAPÍTULO 2	13
PORTO DO AÇU: UMA ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS NOTÍCIAS NA MÍDIA IMPRESSA REGIONAL	
Dayanne Vieira Maia	
Rosélia Perissé da Silva Piquet	
DOI 10.22533/at.ed.8561918072	
CAPÍTULO 3	26
A ATUAÇÃO DO SETOR PRIVADO NOS SISTEMAS DE ABASTECIMENTO DE ÁGUA EM MARINGÁ-PR: CONFLITOS E REPERCUSSÃO NA ESTRUTURAÇÃO DO TERRITÓRIO	
Leonardo Cassimiro Barbosa	
DOI 10.22533/at.ed.8561918073	
CAPÍTULO 4	42
AGRICULTURA URBANA: UMA FORMA DE INTERVENÇÃO SUSTENTÁVEL	
Talissa Fernanda Bussacro Serafin	
Elisiana Alves Kleinschmitt	
DOI 10.22533/at.ed.8561918074	
CAPÍTULO 5	53
O MEIO FÍSICO COMO CONDICIONANTE NO PROJETO DE IMPLANTAÇÃO URBANO-PAISAGÍSTICA	
Eder Donizeti da Silva	
Adriana Dantas Nogueira	
DOI 10.22533/at.ed.8561918075	
CAPÍTULO 6	68
PAISAGEM CULTURAL NA CONSTRUÇÃO DO CONCEITO	
Jefferson Eduardo da Silva Morales	
Georgia Patrícia da Silva Ferko	
Graciete Guerra da Costa	
Elizabeth Melo Nogueira	
DOI 10.22533/at.ed.8561918076	
CAPÍTULO 7	79
METODOLOGIAS DE ANÁLISE DA PAISAGEM URBANA	
Elisiana Alves Kleinschmitt	
DOI 10.22533/at.ed.8561918077	

CAPÍTULO 8	91
PAISAGEM CULTURAL E PAISAGEM SONORA HISTÓRICA: DOS SONS DO PASSADO NA IDENTIDADE DO PATRIMÔNIO	
Rodrigo de Almeida Spinelli Pinto Ernaní Simplício Machado Miriam Carla do Nascimento Dias	
DOI 10.22533/at.ed.8561918078	
CAPÍTULO 9	101
FORMAS DE IDENTIFICAÇÃO DE ELEMENTOS DA PAISAGEM CULTURAL: METODOLOGIA APLICADA EM ITAGUAÇU – ES	
Amanda Guimarães Meneses	
DOI 10.22533/at.ed.8561918079	
CAPÍTULO 10	113
BUENOS AIRES E A HABITAÇÃO OBREIRA PERONISTA: <i>BARRIO 17 DE OCTUBRE</i>	
André Luis Rodrigues Bering Nara Helena Naumann Machado Raquel Rodrigues Lima	
DOI 10.22533/at.ed.85619180710	
CAPÍTULO 11	125
PAISAGEM CULTURAL NO CONTEXTO POLÍTICO-ADMINISTRATIVO DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO	
Claudio Antonio Santos Lima Carlos	
DOI 10.22533/at.ed.85619180711	
CAPÍTULO 12	137
A FERROVIA E SEUS CAMINHOS NO DESENVOLVIMENTO URBANO	
Adriana Cristina Gonçalves Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.85619180712	
CAPÍTULO 13	149
A PAISAGEM CULTURAL DO ENGENHO CENTRAL DE PIRACICABA NA DINÂMICA FABRIL DA CONSTRUÇÃO E RECONSTRUÇÃO	
Marcelo Cachioni	
DOI 10.22533/at.ed.85619180713	
CAPÍTULO 14	162
INTERVENÇÕES URBANAS: OS ESPAÇOS PÚBLICOS NA PAISAGEM CULTURAL RIBEIRINHA DA VILA ELESBÃO (AP)	
Luana Marques Vieira Guilherme Pantoja Alfaia Victor Guilherme C Salgado	
DOI 10.22533/at.ed.85619180714	
CAPÍTULO 15	175
A PRESENÇA ESLAVA NA CONSTRUÇÃO DA PAISAGEM ARQUITETÔNICA DA ZONA DA MATA RONDONIENSE – BRASIL	
Jania Maria de Paula	
DOI 10.22533/at.ed.85619180715	

CAPÍTULO 16	188
O BAIRRO POTI VELHO EM TERESINA-PI: PERSPECTIVAS DE PROTEÇÃO DA PAISAGEM CULTURAL	
Mariana Monteiro Scabello	
Andréa Lourdes Monteiro Scabello	
Marina Brito de Oliveira Marques	
Marjorie Brito de Oliveira Marques	
DOI 10.22533/at.ed.85619180716	
CAPÍTULO 17	200
RUA DO HORTO: RELIGIÃO E A FORMAÇÃO DE UMA PAISAGEM CULTURAL	
Marília Jerônimo Costa	
Sarah Brandeburski Farias	
Gabiella Donato de Oliveira Lima	
Jussara Bióca de Medeiros Timótheo	
DOI 10.22533/at.ed.85619180717	
CAPÍTULO 18	213
VIA-PARQUE DAS GRAÇAS: CONSTRUÇÃO DE UM ESPAÇO SOCIAL	
Marcela Correia de Araujo Vasconcelos Zulim	
DOI 10.22533/at.ed.85619180718	
CAPÍTULO 19	224
DESENVOLVIMENTO DA PAISAGEM URBANA: RADIAL AVENIDA JOÃO PESSOA, PORTO ALEGRE – RS	
Cristiane dos Santos Bitencourt Schwingel	
Raquel Rodrigues Lima	
DOI 10.22533/at.ed.85619180719	
CAPÍTULO 20	236
MUITO ALÉM DO EMBELEZAMENTO	
Raquel Silva dos Santos	
Ana Elisabete de Almeida Medeiros	
DOI 10.22533/at.ed.85619180720	
CAPÍTULO 21	250
CARTOGRAFIA SOCIAL DA PAISAGEM CULTURAL DO MUNICÍPIO DE IRAQUARA - BA: SUBSÍDIOS PARA O PLANEJAMENTO TERRITORIAL PARTICIPATIVO	
Luciana Almeida Santos	
Fábio Pedro Souza de Ferreira Bandeira	
DOI 10.22533/at.ed.85619180721	
CAPÍTULO 22	264
CONTRIBUIÇÃO DA TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO NA DIVULGAÇÃO DE MONUMENTOS CULTURAIS EM COLATINA	
Wellington Gomes da Silva	
Ana Lucia Reis Melo Fernandes da Costa	
DOI 10.22533/at.ed.85619180722	

CAPÍTULO 23	278
CENTRO CULTURAL FILÉ DA BARRA: ANTEPROJETO DE UM ESPAÇO CULTURAL E DE LAZER O PARA O BAIRRO DO PONTAL DA BARRA EM MACEIÓ – AL	
David Alves de Andrade Alexandre da Silva Sacramento	
DOI 10.22533/at.ed.85619180723	
CAPÍTULO 24	291
ANÁLISE ESPACIAL DE VISIBILIDADE APLICADA A GESTÃO DA PAISAGEM CULTURAL REMANESCENTE DOS CAMINHOS DE TROPAS NA REGIÃO DA COXILHA RICA, SANTA CATARINA	
Edenir Bagio Perin Adolfo Lino de Araújo Flavio Boscatto	
DOI 10.22533/at.ed.85619180724	
SOBRE A ORGANIZADORA	303
ÍNDICE REMISSIVO	304

METODOLOGIAS DE ANÁLISE DA PAISAGEM URBANA

Elisiana Alves Kleinschmitt

Centro Universitário Dinâmica das Cataratas –
UDC, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Foz do Iguaçu - Paraná

RESUMO: A paisagem vem sendo objeto de pesquisas e seu estudo cria subsídios para protegê-la, tendo a mesma a importância no desenvolvimento socioeconômico local e regional, como também melhorar a qualidade de vida da população. Devido à importância do seu estudo, surgiram várias metodologias de análise da paisagem, assim o presente trabalho pretende reunir algumas dessas metodologias e suas aplicações. As metodologias para a análise da paisagem são diversas, onde a escolha da aplicação do método vai depender das condições e características da área a ser estudada. Na atualidade a paisagem tem cada vez mais importância nas análises territoriais. A análise da paisagem é de suma importância para o planejamento e gestão urbana. Ao elaborar estudos e análises da paisagem, devemos levar em consideração o tempo necessário para sua elaboração, é preciso ter os objetivos exatos para o estudo, planejando o que se pretende com o estudo, delimitando os pontos-chave que serão analisados, para não sobrecarregar com informações e conclusões de pouca importância. Portanto a simplificação

do planejamento com a delimitação da área de estudo e planificação do tempo necessário para cada fase, sendo assim com a obtenção dos dados, os mesmos devem ser analisados de maneira simplificada, evitando analisar dados irrelevantes. Assim com a análise e posterior valoração obtida servirão para a melhoria do planejamento e gestão urbana.

PALAVRAS-CHAVE: Ambiente; Estudo; Planejamento; Território

METHODOLOGY ANALYSIS OF URBAN LANDSCAPE

ABSTRACT: Landscape analysis is extremely important for urban planning and management. Due to its importance, several methodologies of landscape analysis have arisen, and the present study aims to gather some of these methodologies and their applications. The landscape analysis methodologies are diverse, where the choice of method appliance will depend on the conditions and characteristics of the area to be studied. Nowadays landscapes have more and more importance into the territorial analysis. While elaborating landscapes studies and analysis, the time necessary for its elaboration must be taken into consideration, and it is fundamental to establish the exact goals for the study, planning what is intended with it

and delimiting the key points that will be analyzed so there are not too much information and too many cursory conclusions. Thus, the planning simplification with the study area delimitation and necessary time planification for each level after obtaining data must be analyzed in a simpler way, avoiding irrelevant data. Consequently, the analysis and the posterior value obtained will serve as a better urban planning and management.

KEYWORDS: Environment; Study; Planning; Territory

1 | INTRODUÇÃO

A urbanização no Brasil ocorreu de forma desordenada e desequilibrada, isso se deu, segundo Campos Filho (1999), pelo processo migratório campo-cidade, ocorreu por pressões positivas através da oferta de melhores empregos nas cidades e negativas ou expulsórias do campo, tanto pelo crescimento dessa população rural como pela mudança na tecnologia de produção agrícola, liberando assim a mão de obra; levando esse migrante para a cidade aumentou a demanda por produtos e infraestrutura nos centros urbanos. A relação entre a ocupação dos centros urbanos e a natureza tem sido um desafio para o planejamento urbano.

Villaça (1998) cita que os espaços não mantêm relações sociais entre si; mas alguns processos sociais onde o espaço e a sociedade estão profundamente interligados que se torna impossível entender tais relações sociais sem relacioná-las com a visão espacial, isto acontece no espaço intraurbano, onde é marcante a presença do espaço nas relações sociais.

... uma cidade é algo mais do que um somatório dos seus habitantes: é uma unidade geradora de um excedente de bem-estar e de facilidades que leva a maioria das pessoas a preferirem - independentemente de outras razões - viver em comunidade a viverem isoladas (CULLEN, 1971, p. 09).

Para Lynch (1997), o desenho de uma cidade é uma arte temporal, sendo que a mesma não pode ser medida como as outras artes. Pois a cidade é modificada e percebida a todo o momento, em ocasiões diferentes, com visões diferentes, a estruturação e identificação do ambiente é uma capacidade vital entre os animais que se locomovem que utilizam vários indicadores como: as sensações visuais de cor, forma, movimento ou polarização da luz, além do olfato, a audição, o tato, a cinestesia, o sentido de gravidade, campos elétricos ou magnéticos, etc.; sendo que essa ordem é primordial para a eficiência e para a própria sobrevivência da vida em movimento.

Para Santos (2008), as relações da sociedade com a natureza é devido à troca de um meio que é natural por um construído pela mesma sociedade; em cada pedaço de terra, a passagem que vai de uma circunstância para outra se dá de maneira singular, e a parte do natural e do construído também mudam, assim como variam as modalidades do seu arranjo.

A relação do homem com o meio é de suma importância para sua qualidade de vida, para Vargas (2001), devem iniciar pela caracterização do ambiente urbano:

história, quadro socioeconômico e cultural da população, aspectos físicos, recursos disponíveis, elementos poluentes, etc. É possível definir qualidade de vida ao suprir as necessidades básicas, quando além da quantidade das mesmas, atingem-se também melhores níveis qualitativos tendo, assim, o alcance do bem-estar dos indivíduos relacionando-se à qualidade do meio físico e social, ou seja, ambiental urbana.

Para Hardt (2000), os indicadores sociais, econômicos e a própria infraestrutura do meio em que vive a população servem de referência aos índices de qualidade de vida da mesma; quando o grau de satisfação do ser humano é associado a como o mesmo percebe o espaço, raramente ele é compreendido. Assim estudar o meio em que vive o homem e como o mesmo o percebe torna-se importante instrumento para os gestores municipais, a avaliação da qualidade da paisagem urbana como forma de medir o grau de satisfação dos cidadãos quanto o espaço urbano.

A paisagem vem sendo objeto de pesquisas e seu estudo cria subsídios para protegê-la, tendo a mesma a importância no desenvolvimento socioeconômico local e regional, como também melhorar a qualidade de vida da população. Devido à importância do seu estudo, surgiram várias metodologias de análise da paisagem, assim o presente trabalho pretende reunir algumas dessas metodologias e suas aplicações.

2 | FUNDAMENTOS TEÓRICO-CONCEITUAIS

Existem inúmeras definições e conceituações sobre o conceito da palavra paisagem, e a diversidade de campos em que é possível emprega-la, dar uma definição e significado não é uma tarefa fácil. Em um dos dicionários da língua portuguesa como o Aurélio (1996), paisagem é a extensão do território que se abrange num lance de vista ou desenho; quadro que representa um lugar campestre.

Hardt (2000, p.15), conceitua a paisagem como:

a combinação dinâmica de elementos naturais e antrópicos, inter-relacionados e interdependentes, que, em determinado tempo, espaço e momento social, formam um conjunto único e indissociável, promovendo percepções mentais e sensações estéticas.

Para Mascaró (2008), paisagem é definida como um espaço aberto que se abrange com um só olhar; sendo entendida como uma realidade ecológica, materializada fisicamente num espaço que se poderia chamar de natural, no qual se inscrevem os elementos e as estruturas construídas pelos homens, com determinada cultura, designada também como paisagem cultural.

Lamas (2007), considera que a construção da paisagem humanizada é uma ação arquitetônica. Afirma que a paisagem humanizada e o ambiente arquitetônico são patrimônios coletivos, sendo que os cidadãos tem o direito de viver em ambientes qualificados esteticamente, ou seja, o direito à qualidade da paisagem e da arquitetura é um direito da sociedade. Ficando por conta do arquiteto urbanista o ordenamento do

território para a defesa e preservação do ambiente.

Bohrer (2000) resume a paisagem como um grupo de ecossistemas, sob a influência de um mesmo tipo de clima, tendo o relevo semelhante, com um conjunto semelhante de perturbações e a ocorrência de fluxos ou interações através dos ecossistemas, sendo essa unidade de paisagem uma parte do espaço caracterizada por um tipo de combinação dinâmica de elementos geográficos diferenciados (físicos, biológicos e antrópicos) que ao enfrentarem-se dialeticamente uns com os outros, fazem da paisagem um conjunto geográfico que evolui em conjunto.

Para Marenzi (2000), a paisagem seria o resultado estético de uma imagem que sofre uma ação de elementos naturais e antrópicos, a ecologia da paisagem a considera, de maneira holística, na dimensão geográfica, ecológica e cultural, sendo que os enfoques dependerão dos detalhes necessários ou do caráter do estudo a ser realizado.

A Convenção Europeia da Paisagem, nos apresenta a seguinte definição: “ Por paisagem se entenderá qualquer parte do território tal como a percebe a população, cujo caráter seja o resultado da ação e a interação de fatores naturais e/ou humanos e suas inter-relações” (GEODEM,2007, p.186).

As paisagens são classificadas por Hardt (2000, p.18-19), como:

- Natural (resultado visual não apresenta impacto humano significativo);
- Manejada (resultado visual tende à homogeneização pelo manejo de espécies nativas);
- Cultivada (resultado visual tende à geometrização de formas de áreas cultivadas e de ecossistemas naturais e manejados, além dos aglomerados humanos);
- Suburbana (resultado visual compreende mosaicos de parcelas menores e mais heterogêneas de áreas cultivadas e ocupações urbanas);
- Urbana (resultado visual compreende um forte conjunto de formas e volumes geométricos, podendo relacionar nesse contexto uma maior proporção de áreas impermeáveis em relação às tipologias anteriores).

3 | ANÁLISE DA PAISAGEM

Na atualidade a paisagem tem cada vez mais importância nas análises territoriais. Para Lynch (1997), uma paisagem é um espaço que é percebido e, conseqüentemente, a variedade da percepção é sempre grande e varia de um observador a outro. Neste senso pode-se dizer que a percepção é algo dinâmico dado que nem todos os observadores percebem o mesmo, existindo assim um dinamismo perceptual.

As metodologias para a análise da paisagem são diversas, onde a escolha da aplicação do método vai depender das condições e características da área a ser estudada.

Cullen (1971), cita que a visão tem o poder de chamar nossas memórias e experiências, com todo o seu corolário de emoções, fato do qual se pode tirar proveito para criar ocorrências de utilização intensa. Ao considerarmos que o meio ambiente gera reações emocionais, o autor comenta que é preciso considerar três aspectos:

1. **Optica:** imagine-se o percurso de um pedestre a atravessar a cidade a passo uniforme, a paisagem urbana surgirá como uma sucessão de surpresas ou revelações súbitas, entendendo-se como a visão seria;
2. **Local:** as reações perante a posição do observador no espaço, sendo que o corpo tem o hábito de se relacionar instintiva e continuamente com o meio-ambiente, o sentido de localização não pode ser ignorado e entra na planificação do ambiente;
3. **Conteúdo:** relaciona-se com a constituição da cidade (a sua cor, textura, escala, o seu estilo, a sua natureza, a sua personalidade e tudo o que a individualiza).

Segundo GEODEM (2007), todo e qualquer processo de percepção pode ser entendido como um evento comunicativo entre a paisagem sendo o agente emissor e o observador que seria o receptor, sendo que a mesma comunicação dependeria do meio de transmissão, que está limitado pela visibilidade, posteriormente se produzirá, por parte do espectador a interpretação da mensagem, visto que a mesma depende de diversos fatores socioculturais.

Lynch (1997), cita que para a percepção da imagem de uma paisagem é necessária a combinação de todos os sentidos. Podendo estabelecer uma relação harmônica entre o observador e o mundo à sua volta.

As imagens ambientais são o resultado de um processo bilateral entre o observador e seu ambiente. [...] A imagem assim desenvolvida limita e enfatiza o que é visto, enquanto a imagem em si é testada, num processo constante de interação, contra a informação perceptiva filtrada. Deste modo, a imagem de uma determinada realidade pode variar significativamente entre observadores diferentes (LYNCH, 1997, p. 07).

Para aplicar o conceito de imaginabilidade à cidade, Lynch (1997), utiliza os métodos de entrevistar uma amostra dos cidadãos, sobre sua visão da imagem do ambiente e um exame sistemático da imagem ambiental gerada em campo com observadores especializados. Na entrevista, é solicitado que o cidadão desenhe um mapa esquemático da cidade, faça uma descrição de alguns de seus deslocamentos, reconhecendo e enumerando as imagens mais expressivas que ficaram retidas na memória, tendo como objetivo ter uma ideia da imagem pública da cidade, mesmo que imperfeita, ajudará a desenvolver sugestões para o planejamento e desenho urbano. Na análise sistemática, a observação é feita a pé por um observador treinado que já tem o conhecimento sobre o conceito de imaginabilidade urbana; portanto ele mapeará a área, mostrando a visibilidade, a presença e as inter-relações entre marcos, pontos nodais, vias, limites, bairros e observará a força ou a fragilidade da imagem desses elementos. Ao cruzar as informações dos mapas teremos a equivalência de esboços

em pontos principais de uma cidade (sua essência visual), com uma análise de imagem pelo senso comum e de uma análise técnica.

Giaretta (2012), cita que a percepção pode ser definida como um método de tirar informação pelo meio da recepção, obtenção, absorção e emprego do conhecimento, ocorrendo através de estímulos dos sentidos (visão, audição, olfato, paladar e tato). Sendo que o processo será dois estágios independentes, a sensação e a percepção; coloca a sensação diretamente ligada aos estímulos e sobre os mesmos acontecem os processos perceptuais que constituem e dão sentido às conhecimentos identificados pelos processos sensoriais; a percepção ambiental é definida como a identificação que o receptor desenvolve com o meio com o qual convive e faz parte, podendo intervir para a melhoria da qualidade desse local.

Para Marenzi (2000), devem-se analisar os padrões que se apresentam os componentes da paisagem, ou seja, diferentes arranjos entre mosaicos formados pela combinação de formas superficiais do terreno, aspectos bióticos e intensidade de ocupação urbana, sendo identificáveis pela interpretação de imagens de satélite, fotografias aéreas e mapas temáticos.

Em GEODEM (2007), a qualidade de uma paisagem está determinada por seu passado, que gerou a atual estrutura e aparência no presente, tendo a presença humana importância crucial, sendo assim um agente modelador que não devemos omitir. O mesmo documento divide em dois grupos de análise de valoração da paisagem: o primeiro analisa o estado da paisagem, ou seja na estabilidade da população vegetal. O segundo grupo analisa a qualidade da paisagem, concentrando-se na percepção visual, ou seja, na valorização da qualidade visual; para isso caracterizou os condicionamentos e fatores que interferem na avaliação e limitam a objetividade como sendo:

- a. Condições sensíveis e perceptivas próprias do observador, ou seja, forma de observar, capacidade imaginativa, associação de elementos, memória de observações anteriores;
- b. Fatores educativos e socioculturais; ou seja, em função do seu entorno social em que se desenvolve o indivíduo determina em grande parte suas preferências estéticas;
- c. Relação do observador com o objetivo a ser observado, sendo que um conhecimento mais profundo permitirá uma avaliação mais completa e detalhada.

Segundo Hardt (2000), podem ser aplicados diversos métodos de avaliação da qualidade visual da paisagem, sendo:

Os métodos diretos (qualitativos) utilizam-se a análise e contemplação da paisagem como um todo, por usuários ou por especialistas, no local ou por meio de substitutos; valoriza a paisagem em sua totalidade, sendo baseado no exame estético e conseqüentemente numa avaliação subjetiva. Sendo subdividido em (Hardt, 2000):

- a. Subjetividade admitida (plena concordância da análise subjetiva);
- b. Subjetividade compartilhada (controle do subjetivismo pela valorização realizado com dinâmicas de grupo e discussão de valores pessoais);
- c. Subjetividade controlada (relativização de valores para a qualidade adquirida da paisagem)
- d. Subjetividade representativa (valorização por grupos para formação de opinião representativa, sendo apoiada em procedimentos estatísticos, técnicas de diferenças semânticas, listas de adjetivos, ordenamento e comparação de pares de unidades paisagísticas)

Os métodos indiretos (quantitativos), adotam uma análise pela desagregação da paisagem em seus componentes e elementos visuais principais, com base em um sistema de valoração estabelecido por especialistas. Hardt (2000) os subdivide em:

- a. Avaliação com base em categorias estéticas, com pesos específicos para cada uma delas;
- b. Avaliação com base em componentes da paisagem, com pesos para cada unidade de paisagem:
 - b.1) unidades irregulares, homogêneas ou naturais, resultantes da divisão do território a partir de limites de elementos paisagísticos representativos ou de critérios visuais, com análise por sobreposição de imagens;
 - b.2) unidades regulares, heterogêneas ou artificiais, resultante da sobreposição de malhas irregulares para medição e valoração de cada componente paisagístico por quadricula;
 - b.3) unidades mistas, resultantes da combinação das anteriores.

Os métodos mistos (associativos) reúnem as vantagens dos métodos diretos e indiretos, com interpretação dos componentes da paisagem que determinam respostas subjetivas.

Método de avaliação integrada de qualidade da paisagem, para mostrar a situação geral de uma paisagem urbana, levando em consideração o ambiente total e a experiência humana, tendo os procedimentos:

- a. Por zona, sendo realizada a soma dos seus posicionamentos relativos em cada avaliação, sendo indicadas suas prioridades de recuperação ou conservação das condições paisagísticas relativas ao ambiente total ou à experiência humana;
- b. Por compartimento, somando os valores de seu posicionamento em cada avaliação, com escalas de valores resultando em nova classificação, sendo permitido o estabelecimento de prioridades de recuperação ou conservação das condições paisagísticas.

[...] a avaliação integrada da qualidade da paisagem apresenta vantagens relacionadas ao monitoramento das condições de ambiente urbano, pela análise do espaço visual (método indireto), e à determinação do grau de satisfação do homem em relação ao espaço urbano, pela interpretação da experiência humana (métodos direto e misto), constituindo instrumento simplificado para análise de qualidade de vida, considerando-se o grau de satisfação do cidadão em relação ao seu local de vivência (HARDT, 2008, p.15).

Em Hardt e Hardt (2010), utiliza-se avaliação da percepção dos usuários das unidades de conservação, somadas aos levantamentos de reconhecimento específico em campo, foram aplicados questionários semiestruturados, divididos em três partes – perfil do usuário, hábitos de utilização e aspectos qualitativos do parque; os dados a serem coletados devem ser tratados estatisticamente na etapa final de interpretação e discussão, os quais permitirão a formulação de opções para gestão de áreas naturais protegidas em cidades que incorporem a sua percepção pelos seus usuários.

Para Hardt (2007), o sensoriamento remoto e o geoprocessamento são fundamentais instrumentos para estudos dessa natureza. Utilizando as informações cartográficas e fotogramétricas, processadas no Sistema de Informações Geográficas (SIG) – ArcGIS, é possível o diagnóstico da área de estudo, tendo como resultado o mapeamento dos níveis de suscetibilidade física, fragilidade biológica e intervenção humana. Boher (2000), cita que a integração na coleta de dados, análise espacial e processo de tomada de decisões, pode ser realizada através do SIG, que vê a vantagem em automatizar e agilizar a produção de mapas, com diferentes opções de representação gráfica de informação e de rápida atualização; sendo ferramenta importante na elaboração de mapas da vegetação potencial, na previsão da composição estrutural da vegetação na paisagem, levando em conta as variáveis ambientais mapeadas, ligadas à topografia, clima (atual ou passado), solos, geologia, hidrologia, etc.

Nucci (1998) tem como principal preocupação a de agrupar ao máximo os dados cartografáveis da área de estudo, para cruzamento posterior e elaborar um diagnóstico ambiental especializado. Na análise são especializadas as variáveis ambientais: uso do solo, poluição, verticalidade das edificações, densidade populacional, déficit de espaços livres públicos, deserto florístico e enchentes; partindo destes mapas chega-se a um mapa síntese que é o mapa de qualidade ambiental, sendo que a mesma apresenta uma valoração qualitativa aos atributos.

Para Bohrer (2000) a paisagem deve ser analisada como um sistema ou entidade holística, composta por diferentes elementos, um influenciando o outro; propondo assim uma análise sistêmica e tenta medir o grau de correlação entre seus vários componentes. As dinâmicas atuais motivam aspectos do ambiente, enquanto que as dinâmicas passadas deixam um legado no ambiente, afetando sua susceptibilidade. A definição da paisagem está embasada na identidade e definição de partes homogêneas ou unidades de paisagem, através da adoção de uma hierarquia de unidades. Para o autor a geologia e as formas do relevo são os aspectos dominantes nos mapas

da paisagem ou de unidade de terra, e os tipos de vegetação e domínios estruturais predominam os mapas ecológicos da paisagem; o enfoque paisagístico nos apresenta a possibilidade de extrapolação e interpolação de dados sobre o terreno com a vegetação e vice versa.

O mesmo autor apresenta a metodologia de avaliação da paisagem desenvolvida no ITC (Faculty of Geo-Information Science and Earth Observation of the University of Twente - Holanda), que faz a distribuição das unidades de paisagem no espaço em níveis hierárquicos de dimensões crescentes; inclui dois aspectos da vegetação, sua composição e sua estrutura. Utilizam-se mapas de interpretação preliminar na estratificação da amostragem de campo, combinando-se diversas fontes de dados como: fotografias aéreas, imagens de satélite e mapas topográficos. São feitas observações nos pontos de amostragem que incluem altitude; descrição das cores, textura e pH dos solos; tipo, ângulo e exposição das encostas; e uso da terra. Para os dados levantados sobre a vegetação incluem uma lista de todas as espécies vegetais, com uma estimativa de abundância e cobertura, em escalas padronizadas, e a coleta de material botânico das espécies desconhecidas para posterior identificação em herbário. A estrutura da vegetação é descrita através da estimativa da altura e cobertura dos estratos herbáceo, arbustivo e arbóreo, além de estimativas de biomassa entre as diferentes classes de altura e da porcentagem do solo coberto pelas folhas, tendo como princípio representar os valores de cobertura por estrato de vegetação de uma forma especial, usando a cobertura das árvores e arbustos como característicos para diferenciar tipos de vegetação. A terceira característica é a cobertura hídrica (estacionalidade). Sendo a combinação da cobertura total e da cobertura relativa por estrato resulta na tipificação estrutural da vegetação. Boher (2000) finaliza dizendo que a avaliação sobre a metodologia proposta pelo ITC vem sendo empregada com sucesso em regiões tropicais.

Tangari (2013) analisa a paisagem através do método de abordagem multi-escalar e multi-temporal, optando por manter o foco de análise nos múltiplos sistemas de espaços livres de edificação, seja públicos ou privados, analisados por meio do estudo de sua construção social e do maior potencial que apresentam em termos de transformação coletiva. Cita que a estruturação da paisagem e dos espaços livres e a relação com a ocupação urbana e suporte físico resultarão em um mapeamento sistematizado que conjuga: a localização das áreas centrais; as características do tecido urbano (consolidado ou não); as principais linhas de drenagem e de circulação; a incidência de espaços livres públicos e de arborização; as manchas de florestas e outras formações vegetais, demais elementos significativos do suporte geobiofísico e os eixos previstos de expansão. Com isso a autora pretende aprofundar seu estudo sobre a construção social da paisagem brasileira, com os conflitos que expõe e as contradições que explicitam.

Eiter (2010) baseando-se na atividade de uso para explorar valores relacionados à percepção da diversidade da cobertura do solo. Utiliza a percepção por meio da

experiência no local que pode ser ligada ao entendimento de paisagem como uma área de atividade, onde qualquer diferença detectada ou percebida na paisagem pode ser qualificada como diversidade, e para estudar essa diversidade de paisagem é necessária a combinação de métodos relacionados a diferentes percepções qualitativas da cobertura do solo. Os dados para uma determinada área são registrados e apresentados em forma de mapeamento, apoiado em investigações de campo. Utiliza-se dois grupos de análises, usuários e especialistas; a análise da percepção do usuário é baseada no entendimento de paisagem orientada pelas atividades de uso e as áreas avaliadas por especialistas podem ser percebidas como diversas e valiosas em termos de atividades para os usuários, sendo passíveis de proteção.

Já Procopiuck (2015) analisa a influência da sociedade com um rio urbano e propõe um estudo a partir de uma perspectiva social, provendo potencial explicativo na constituição e composição dos rios inseridos no contexto urbano; abrangendo vários agentes sociopolíticos e limites de instrumentos analíticos para aceitar as variáveis das dimensões naturais e antrópicas e as variáveis relacionadas aos corpos de água. O foco da avaliação está nas qualidades naturais, tendo como um resultado dessas avaliações técnicas amparadas nos indicadores de qualidade e quantidade de água. A forma de avaliação foi aplicação de questionário com respostas de múltipla escolha respondidas pelos residentes próximos ao rio. O nível de percepção das mudanças e o sentimento de responsabilidade moveram os cidadãos a participar das ações em conjunto com o governo.

Em Henningson (2015), foram investigados os valores ecológicos, culturais e sociais percebidos pela população local no processo de planejamento de uma rodovia na Suécia. Foram utilizados questionários e documentos de planejamento, os resultados demonstram que as pessoas presumiram que os valores ecológicos da paisagem seriam afetados negativamente com a construção da nova estrada, enquanto que os valores sociais permaneceriam os mesmos.

[..] utilizam como componentes, além dos elementos ambientais encontrados no meio (rios, mar, construções, vegetação, morros, etc.), também características como a diversidade, a naturalidade, a singularidade paisagística e a complexidade topográfica, entendendo-se como: diversidade, a variedade paisagística de um determinado local, podendo ser expressa pelo número de unidades homogêneas existentes na área estudada; naturalidade, o aspecto paisagístico proporcionado pelo conjunto de elementos naturais em considerável estado de conservação; singularidade, o efeito paisagístico causado por um ou mais elementos naturais ou artificiais de expressividade singular e complexidade topográfica, a existência de relevo variado em uma área (MARENZI, 2000, p. 06).

Marenzi (2000) cita que as características e propriedades das paisagens podem ser agrupadas em variáveis que possibilitam sua quantificação, exemplifica que vários autores as utilizam.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da paisagem é de suma importância para o planejamento e gestão urbana. Diante dos vários autores estudados, foi observado que o melhor método de análise de paisagem vai depender da área a ser estudada, suas condições e características. Ao elaborar estudos e análises da paisagem, deve-se levar em consideração o tempo necessário para sua elaboração, é preciso ter os objetivos exatos para o estudo, planejando o que se pretende com o estudo, delimitando os pontos-chaves que serão analisados, para não sobrecarregar com informações e conclusões de pouca importância. Portanto a simplificação do planejamento com a delimitação da área de estudo e planificação do tempo necessário para cada fase. Com a obtenção dos dados, devem ser analisados de maneira simplificada, evitando analisar dados irrelevantes.

Assim a análise e posterior valoração obtida servirão para a melhoria do planejamento e gestão urbana, sendo que as áreas de boa qualidade da paisagem a gestão será voltada ao manutenção e monitoramento para que continuem com qualidade; já as áreas de baixa qualidade devem receber maior atenção quanto ao planejamento e gestão, com planos de recuperação e reabilitação, para que no futuro se tornem áreas de boa qualidade da paisagem.

REFERÊNCIAS

BOHRER, Claudio Belmonte de Athayde. Vegetação, paisagem e o planejamento do uso da terra. **GEOgraphia** – Ano. II. N.4. 2000.

CAMPOS FILHO, Cândido Malta. **Cidades brasileiras: seu controle ou o caos**: o que os cidadãos devem fazer para a humanização das cidades no Brasil. 3.ed. São Paulo: Studio Nobel, 1999.

CULLEN, Gordon. **Paisagem urbana**. Lisboa: Edições 70, Ltda., 1971.

EITER, Sebastian. Landscape as an Area Perceived through Activity: Implications for Diversity Management and Conservation. **Landscape Research**, V.35, N.3, p.339-359, 2010. <http://dx.doi.org/10.1080/01426391003746531>

GEODEM - Centro de Ingeniería e Innovación para el Desarrollo Medioambiental. **Manual para la Integración de los elementos del paisaje en proyectos, planes y programas**. Vigo, España: Geodem, 2007. Disponível:http://www.geodem.es/PDFs/MANUALES_CASTELLANO/M_Paisaje.pdf, em 07/03/2016.

GIARETTA, Juliana Barbosa Zuquer. **O município como ente central na gestão ambiental brasileira**. In: Gestão de natureza pública e sustentabilidade. Arlindo Phillippi Jr; Carlos Alberto Cioce Sampaio e Valdir Fernandes, (Orgs.). Barueri: Manole, 2012. p. 179-208.

HARDT, Letícia Peret Antunes. **Subsídios à gestão da qualidade da paisagem urbana**: aplicação a Curitiba-Paraná. 2000.383f. Tese (Doutorado em Engenharia Florestal) – Setor de Ciências Agrárias, Universidade Federal do Paraná-UFPR, Curitiba. 2000.

HARDT, Letícia Peret Antunes; HARDT, Carlos; HARDT, Marlos. **Subsídios para a gestão de paisagens**: um ensaio metodológico. Anais XIII Simposio Brasileiro de Sensoriamento Remoto.

Florianópolis: INPE, p. 3967-3974, 2007.

HARDT, Letícia Peret Antunes; HARDT, Carlos. **Gestão da qualidade da paisagem e de vida da população urbana**: ensaio metodológico aplicado a Curitiba, Paraná. Anais do XVI Encontro Nacional de Estudos Populacionais. Caxambu, 2008.

HARDT, Letícia Peret Antunes; HARDT, Carlos. Análise perceptual da qualidade ambiental e de vida. **Olam**, Rio Claro, v.10,n.1,p.206,2010.

HENNINGSSON, Marianne; et.al. Perceived landscape values and public participation in a road-planning process – a case study in Sweden. **Journal of Environmental Planning and Management**, v.58, n.4, p.631-653, 2015. <http://dx.doi.org/10.1080/09640568.2013.876391>

LAMAS, José Manuel Ressano Garcia. **Morfologia urbana e desenho da cidade**. 4.ed. Porto: Fundação Calouste Gulbenkian, 2007.

LYNCH, Kevin. A imagem da cidade. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MARENZI, Rosemeri Carvalho. **A análise da qualidade visual da paisagem como instrumento da ecologia da paisagem**. Anais do I Fórum de debates – Ecologia da Paisagem e Planejamento Ambiental. UNESP, Rio Claro, SP. 2000.

MASCARÓ, Juan Luis. **Infraestrutura da paisagem**. Porto Alegre: Masquatro Editora, 2008.

NUCCI, João Carlos. Metodologia para determinação da qualidade ambiental urbana. **Revista do Departamento de Geografia**, n.12, p.209-224, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo/USP, 1998.

PROCOPIUCK, Mario; ROSA, Altair. Evaluation of communities' perception on public policies, urban rivers functions, and qualities: the Belém River case in Curitiba. **Urban Water Journal**, 2015. <http://dx.doi.org/10.1080/1573062X.2015.1024690>

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

TANGARI, Vera Regina. **A construção social das paisagens no Brasil**: um debate conceitual e metodológico. Anais Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional – ANPUR. V.15, 2013

VARGAS, Heliana Comin; RIBEIRO, Helena (orgs.). **Novos instrumentos de gestão ambiental urbana**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

VILLAÇA, Flávio. **Espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel. FAPESP: Lincoln Institute, 1998.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Agricultura urbana: 47, 49, 50, 51

Ambiente: 50, 74, 77, 79, 111, 129, 134, 196, 197

Análise de Conteúdo: 13

Arquitetura: 2, 5, 38, 53, 54, 57, 65, 66, 68, 79, 91, 113, 118, 120, 125, 133, 137, 146, 168, 173, 185, 188, 200, 210, 224, 233, 234, 236, 240, 247, 261, 266, 267, 278, 301, 303

C

Cartografia Social: 250, 251, 254, 259, 260, 262

Centro cultural: 289

Cultura: 33, 77, 99, 102, 103, 127, 151, 173, 189, 197, 253, 261, 262, 266, 269

E

Espaços Públicos: 162

Etnografia: 96, 99

I

Identidade: 91, 196, 250, 251, 275

M

Mapeamento Participativo: 250, 255

Monumentos Culturais: 264

N

Natureza: 68, 74, 130, 211, 218, 300

P

Paisagem: 7, 8, 9, 65, 68, 69, 70, 71, 73, 74, 75, 76, 77, 81, 88, 89, 91, 92, 94, 97, 99, 101, 102, 103, 104, 110, 111, 113, 125, 126, 129, 131, 132, 133, 146, 149, 150, 160, 162, 165, 172, 173, 175, 185, 188, 189, 190, 191, 196, 197, 200, 203, 205, 208, 210, 211, 224, 237, 250, 251, 253, 254, 257, 258, 259, 261, 262, 291, 292, 300, 304

Paisagismo: 304

Patrimônio Cultural: 75, 102, 103, 133, 154, 210, 253, 260, 262, 269, 270, 275, 303, 304

Pesquisa urbana: 304

Planejamento: 23, 65, 79, 89, 146, 149, 160, 213, 250, 251, 262, 303, 304

Política habitacional: 113, 304

Políticas Públicas: 197, 304

Projeto arquitetônico: 304

Proteção urbana: 304

S

Sustentabilidade: 50, 304

T

Território: 79, 250, 251, 304

U

Urbanismo: 2, 5, 38, 53, 65, 68, 79, 91, 113, 120, 125, 137, 146, 159, 168, 173, 188, 200, 224, 233, 236, 261, 266, 267, 278, 281, 290, 303, 304

Urbano: 10, 24, 58, 59, 89, 139, 146, 147, 210, 213, 227, 228, 304

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-485-6

